



PSICOMOTRICIDADE E PARADIGMA DA COMPLEXIDADE

DOI: 10.22289/2446-922X.V8N1A21

Jorge **Fernandes**¹
Guida **Veiga**
Paulo **Gutierrez Filho**

RESUMO

Este artigo tem por objetivo realizar uma reflexão sobre a importância de incorporar o paradigma da complexidade no pensamento psicomotor que envolve em si diferentes quadros epistêmicos. Realiza-se uma descrição do pensamento simplificador que reduz e fragmenta as diferentes áreas do conhecimento, por oposição ao pensamento complexo que as integra de forma sistêmica e, concomitantemente, apresenta-se uma reflexão sobre as suas possíveis influências na fundamentação da psicomotricidade como prática na área da saúde. Conclui-se que o pensamento complexo se revela útil na fundamentação transdisciplinar da psicomotricidade e estruturador da prática psicomotora, para ir ao encontro das necessidades, especificidade e desempenho psicomotor de cada ser humano.

Palavras-chave: Práxis Psicomotora; Desempenho Psicomotor; Pensamento Complexo; Análise da Complexidade.

363

PSYCHOMOTORITY AND PARADIGM OF COMPLEXITY

ABSTRACT

The aim of this article is to reflect about the relevance of incorporating the paradigm of complexity in psychomotor thinking, which involves different epistemic frames. It describes the simplifying thinking that reduces and fragments the different areas of knowledge, as opposed to complex thinking, which integrates them in a systemic way. At the same time, it presents a reflection about its possible influences on the foundation of psychomotricity as a health area practice. It is concluded that complex thinking is useful in the transdisciplinary foundation of psychomotricity and structuring of psychomotor praxis to meet the needs, specificities and psychomotor performance of each human being.

Keywords: Psychomotor Praxis; Psychomotor Performance; Complex Thinking; Complexity Analysis.

¹ Endereço eletrônico de contato: jorgef@uevora.pt

Recebido em 07/01/2022. Aprovado pelo conselho editorial para publicação em 06/04/2022.



PSICOMOTRICIDAD Y PARADIGMA DE LA COMPLEJIDAD

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre la importancia de incorporar el paradigma de la complejidad en el pensamiento psicomotor que involucra diferentes marcos epistémicos. Se realiza una descripción del pensamiento simplificador que reduce y fragmenta las diferentes áreas de conocimiento, en oposición al pensamiento complejo que los integra de manera sistémica y, al mismo tiempo, se presenta una reflexión sobre sus posibles influencias sobre la fundamentación de la psicomotricidad como praxis de la área de la salud. Se concluye que el pensamiento complejo es útil en la fundamentación transdisciplinaria de la psicomotricidad y estructuración de la praxis psicomotora, para satisfacer las necesidades, especificidades y rendimiento psicomotor de cada ser humano.

Palabras clave: Práxis Psicomotora; Rendimiento Psicomotor; Pensamiento Complejo; Analysis de la Complejidad.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo é produto de uma reflexão sobre a inclusão do *paradigma da complexidade* no campo da *psicomotricidade*, de forma a clarificar a importância da ligação, associação e integração dos vários conhecimentos que fundamentam a práxis psicomotora.

O paradigma da complexidade, desenvolvido por Edgar Morin, contempla um pensamento que reúne e associa os conhecimentos separados, por oposição a qualquer tipo de redução, fragmentação ou disjunção (Morin, 1990/2005, 2005/2006, 2011/2016). Pensar de forma complexa significa compreender os acontecimentos, ações ou interações que acontecem no mundo (físico, biológico ou antropossociológico) como resultado de um emaranhado de fenômenos heterogêneos e plurais que se unificam e se associam de forma inseparável (Morin, 2005/2006).

Para Morin (2002), o desafio da complexidade envolve a procura de uma inteligibilidade e experiencialidade que sejam contrárias a qualquer pensamento associado a lógicas de simplificação-linearidade-redução. Assim, complexo não significa necessariamente que é complicado, - “a complexidade não se reduz à complicaçāo” (Morin, 2002, p.14) -, mas que destrói barreiras, liga partes e integra as diversas áreas do conhecimento e suas disciplinas, incluindo as que são diferentes e unindo as que se opõem, ou seja:

... a complexidade é um tecido (*complexus*: o que é tecido junto) de constituintes heterogêneas inseparavelmente associadas: ela coloca o paradoxo do uno e do múltiplo [...] é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem o mundo fenomênico (Morin, 2005/2006, p. 13).

Morin (2011/2016) considera que para o entendimento da vida humana e da ciência é necessário construir um pensamento de ligação contrário à redução do conhecimento, contrário à causalidade linear que ignora as retroações, contrário ao binarismo entre verdadeiro/falso e ao

maniqueísmo de oposição entre o bem e o mal, ou seja, contrário a um pensamento simplificador. Para tal, formula a necessidade do pensamento complexo se constituir pela associação de três princípios básicos: (i) o *dialógico* - que se fundamenta na associação de instâncias complementares, concorrentes ou antagônicas, necessárias à existência, funcionamento e desenvolvimento de qualquer fenômeno organizado; (ii) o *recursivo* - em que os efeitos e produtos de um determinado processo são produtores e causadores daquilo que produz; e (iii) o *hologramático* - que perspectiva que não é só a parte que está no todo, mas o todo também está consignado na parte (Morin, 2005/2006; 1990/2005).

Estes princípios incentivam “a estratégia/inteligência do sujeito pesquisador a considerar a complexidade da questão estudada” (Morin, 1990/2005, p. 334), pela estruturação de um pensamento - *complexo* - que permite compreender os problemas e realizar ações ajustadas para com o indivíduo, a sociedade ou a própria espécie (Morin, 2011/2016). Por consequência, o paradigma da complexidade tem sido equacionado em diferentes áreas do conhecimento, incluindo a psicologia (Cotsifis, 2003; Kelly, 2018), os cuidados em saúde (Arruda, Lopes, Koerich, Winck, Meirelles & Mello, 2015; Ichikawa, Santos, Bousso & Sampaio, 2018), a saúde mental (Bedin, 2011; Vasconcelos, 2009) e a motricidade (Moreyra, Simões de Campos & Simões, 2019).

A psicomotricidade, por sua vez, parece implicar complexidade por incluir na sua estrutura teórico-prática diferentes quadros epistêmicos e interações de diversas áreas e disciplinas do conhecimento científico (Fauché, 1994; Giromini & Yernaux, 2013). A psicomotricidade, como práxis da área da saúde, envolve um dispositivo e uma prática que tem como principal referência o corpo humano em toda a sua complexidade existencial, expressiva, emocional e identificatória (Potel, 2019).

A práxis psicomotora integra e associa a função gnoso-práctica com a expressão tônico-emocional ao solicitar de forma tautocrônica a função, a relação, a percepção, a representação, a motricidade e a energia psíquica. Em conformidade com este emaranhado de situações, esta práxis assenta em conhecimentos oriundos da fenomenologia, neurologia, psiquiatria, psicanálise, entre outros, para estruturar e desenvolver ações terapêuticas, profiláticas e de ajuda ao desenvolvimento. Com que objetivos? Minimizar ou superar os transtornos psicomotores (alterações tônico-emocionais ligadas aos afetos e ao corpo por onde se expressam) ao melhorar o funcionamento psicocorporal pela incorporação do sentimento de existir num corpo funcional com identidade própria, quer seja, em crianças, adolescentes, adultos ou idosos.

Como refere Potel (2019), a psicomotricidade tornou-se uma profissão do presente e do futuro, com uma multiplicidade de intervenções aplicadas por psicomotricistas que, para além de terem sensibilidade própria, devem possuir criatividade e liberdade de pensar sobre as técnicas e mediações que vão aplicar, assim como, autonomia para utilizar os conhecimentos necessários para a construção e aplicação do cuidar psicomotor. Conhecimentos estes que são

transdisciplinares e complexos, que Joly (2016) denomina de *encruzilhada* ou *nó* de conhecimentos psicomotores. No entanto, esta diversidade e cruzamento de caminhos teóricos associados a diferentes desenvolvimentos histórico-conceituais podem provocar na psicomotricidade uma identidade pouco definida (Probst & Mäiano, 2018) tornando-a, por vezes, ininteligível para a maioria das pessoas e, como refere Grabot (2019), divisionista entre os psicomotricistas. Será que isso acontece por não se fundamentar a psicomotricidade, - de *fato* -, numa matriz complexa de conhecimentos? Será que acontece porque se separam os diversos saberes que constituem a psicomotricidade, para depois se juntarem - só - alguns deles e desenvolverem-se psicomotricidades com nomes diferentes? Talvez a - *efetiva* - aceitação do pensamento complexo que rejeita a separação do conhecimento, opondo-se aos mecanismos reducionistas, permita uma maior compreensão dos conceitos associados à psicomotricidade, uma maior segurança na aplicação da práxis e, também, maior clarificação na identidade profissional do psicomotricista.

Diante do exposto, este artigo apresenta uma reflexão sobre a relevância da integração transdisciplinar e complexa do conhecimento - na construção teórica e aplicação prática dos saberes em psicomotricidade -, não no sentido de encontrar uma receita ou solução definitiva, mas como motivação para pensar o fenômeno psicomotor. Para tal, adotou-se como metodologia a leitura, análise e reflexão, após levantamento bibliográfico, de textos escritos por Edgar Morin sobre o paradigma da complexidade e de textos escritos por psicomotricistas que na atualidade dissertam e publicam sobre os fundamentos teórico-práticos inerentes aos saberes necessários à formação de psicomotricistas e à sua intervenção como profissionais da área da saúde.

366

2 PENSAMENTO COMPLEXO VERSUS PENSAMENTO SIMPLIFICADOR NA PSICOMOTRICIDADE

Para Morin (2005/2006), o pensamento simplificador reduz e fragmenta o conhecimento, e o pensamento complexo possibilita a coexistência e ligação de conhecimentos opostos e concorrentes entre si (*dialogismo*), promove a associação produto-efeito-produtor-causa na produção de ações (*recursividade*), e facilita a integração parte/todo/todo/parte dos fenômenos (*hologramatismo*). Estes pressupostos estão interligados, ou seja, “a própria ideia hologramática está ligada à ideia recursiva, que está ligada, em parte, à ideia dialógica” (Morin, 2005/2006, p. 75). Por analogia, em psicomotricidade as partes são os vários conhecimentos (da fenomenologia à psicanálise) que não são fragmentados, mas articulados e religados para formar o conhecimento psicomotor transdisciplinar. Por sua vez, esse conhecimento teórico permite fundamentar e operacionalizar a práxis psicomotora, que se constitui pela interação simultânea das partes, ou seja, pela integração e associação sincrônica da função motora, da relação tônico-emocional, da expressão simbólica, da ação do corpo real e do corpo imaginário.



O envolvimento integrativo e interativo de diferentes conhecimentos disciplinares é imprescindível, pois a práxis psicomotora tem como objeto o ser humano, que de acordo com Morin (1999/2000, 2005/2006) é biológico, físico, psíquico, cultural, social, afetivo e racional a um só tempo. Constatase que o ser humano é multidimensional e complexo e para o compreender, analisar ou cuidar são necessários diversos saberes disciplinares associados entre si. Tem de existir a consciência de que o homem da racionalidade é também o homem da afetividade, que o homem empírico é também o homem do imaginário (Morin, 1999/2000). Dessarte, a psicomotricidade está no seio da complexidade, pois interessa-se pelo funcionamento motor-psicológico-social do ser humano, ou seja, pela sincronia entre estes funcionamentos nas suas ligações, integrações, retroações e auto-produções intrínsecas durante as ações que realiza no envolvimento (princípio dialógico, hologramático e recursivo). Nesta lógica de ideias, Bénavides (2015) refere que qualquer modelo simplificador que não agregue a totalidade desses conhecimentos e funcionamentos, não é suficiente para abranger a diversidade das necessidades do ser humano, pois apenas abarcaria uma parte da realidade e das soluções.

Como referimos, a práxis psicomotora fundamenta-se em diferentes teorias (biológicas, psicológicas e sociais) com o objetivo de cuidar, desenvolver e melhorar a estrutura psicomotora do ser humano, que tem necessidades globais e específicas em qualquer momento, ou situação particular de saúde, no seu ciclo de vida. Sendo estas necessidades a razão pela qual Boutinaud e Joly (2017) referem que a práxis psicomotora deve fundamentar-se numa ideologia aberta com um discurso que envolva o corpo, de forma a articular os diversos saberes necessários para cuidar do *Ser psicomotor* através de uma prática clínica. Como? De que forma? Através do corpo, do movimento e de atividades em relação com o objetivo de proporcionar a (re)estruturação psicomotora associada às funções cognitivas (e.g. processamento da informação, processos atencionais), às funções instrumentais (e.g. verticalidade, noção direita-esquerda, sentido cinestésico) e às funções psíquicas (e.g. identidade, consciência de si, angústias corporais arcaicas), não de forma separada, mas em simultâneo. O que significa que o pensamento complexo em psicomotricidade permite integrar e aceitar a existência da totalidade do *Ser psicomotor* (o homem) e da totalidade do *Saber psicomotor* (a psicomotricidade), levando em consideração as partes, - o biológico, o psicológico, a função motora, a relação com o outro, o desempenho psicomotor, o transtorno psicomotor, o social, o cultural - em detrimento de construções teóricas e práticas reducionistas e simplificadoras que envolvem apenas algumas dimensões.

Morin (1999/2003) chama atenção para a “necessidade de um pensamento que compreenda que o conhecimento das partes depende do conhecimento do todo e que o conhecimento do todo depende do conhecimento das partes” (p. 88). Esta forma de pensar vai ao encontro da visão unitária e multifacetada do ser humano, pois traduz aquilo que lhe é específico e inseparável: a estrutura objetiva da motricidade e a subjetividade psíquica e relacional que pelas suas interações

(*dialogismo*) expressam movimentos e ações (Thiebo, 2008), pensamentos e emoções (Damásio, 2004, 2010) que influenciam e são influenciadas pela estrutura psicomotora do homem (*hologramatismo*), num determinado espaço cultural e social onde se auto-organiza (*recursividade*).

O homem que é por essência psicomotor (Robert-Ouvray, 2007), também é complexo por apresentar uma grande diversidade de estruturas que funcionam em interação e a um só tempo (Morin, 1990/2005, 2005/2006). Assim, se o homem é um ser psicomotor complexo, por consequência, a psicomotricidade é uma disciplina particular e abrangente (Boutinaud & Joly, 2017) que deve envolver um quadro teórico-metodológico também complexo. Razão pela qual, o psicomotricista deve nortear a sua intervenção partindo de um olhar, de uma escuta e de uma prática que para além de solicitar a totalidade da estrutura psicomotora da pessoa, atenda também a cada uma das partes que constituem essa estrutura.

Contrariamente ao acima referido, em alguns contextos profissionais e culturais a psicomotricidade está associada ou a modelos psicodinâmicos, ou neuropsicológicos, ou neurobiológicos (Ciccone, Guillaumin, Sage, & Rodriguez, 2007; Joly, 2010). O que leva a uma fundamentação teórica restrita da psicomotricidade e, por consequência, à formação de práticas preestabelecidas centradas no âmbito relacional vs. funcional, ou cognitivo vs. social, ou práxico vs. espontâneo, ou reeducativo vs. terapêutico, compartilhando alguns dos saberes, mas sem os articular e interligar na totalidade. Morin (1990/2005) esclarece esse fenômeno, referindo que cada vez mais se encerram as disciplinas em si próprias, solidificando as suas fronteiras em vez de as desmoronar, não permitindo que comuniquem entre si. Este encerrar do conhecimento dificulta a compreensão e a resolução de problemas, ou seja, provoca ignorâncias globais e práticas mutilantes (Morin, 2011/2016).

2.1 Pensamento simplificador e psicomotricidade

De acordo com Morin (1977/1987, 1990/2005, 2005/2006, 2011/2016), o conhecimento científico tem sido influenciado por uma visão linear de causa-efeito que denomina de pensamento simplificador. Este pensamento entende o uno (todo) ou o múltiplo (partes), mas rejeita a noção de que o uno só pode existir com o múltiplo e vice-versa. O que acontece é que o ser humano tem a tendência de separar, centralizar e hierarquizar para depois unir o que selecionou, separando o que está ligado e unificando o que é diverso, para criar uma clausura e hiperespecialização de saberes disciplinares (Morin, 1990/2005, 2005/2006, 2011/2016).

Se a psicomotricidade for estruturada e entendida com base no pensamento simplificador vai existir a preocupação natural de unir o psiquismo com a motricidade, no entanto, esta ação de oposição à dualidade mente-corpo pode levar a uma nova dualidade que se expressa pela forma de simplificar (desunir) o complexo (que se deve unir). O que acontece concretamente? Ocorre o seguinte:



- a. *Disjunção* da psicomotricidade, quando a *motricidade* é considerada a forma de intervenção e o *psico* ou o *motor* o objeto a ser desenvolvido ou reabilitado;
- b. *Redução* da dimensão *psico*, quando esta representa ou as componentes de âmbito funcional (neuro-sensório-motora) ou as componentes de âmbito relacional (tônico-emocional-afetiva);
- c. *Unidimensionalidade* da práxis, quando se associa o mediador corpo/movimento ou à vertente funcional ou à vertente relacional, ou a qualquer outra dimensão de forma isolada.

Constata-se que se divide para unir apenas uma parte. Face a esta desunião, Morin (1977/1987, 1999/2003, 2005/2006, 2011/2016) explicita que qualquer ato redutor de destruir conjuntos e isolar as partes, expressa uma inteligência cega. Não será o que acontece quando se fundamenta a psicomotricidade em teorias que vão ao encontro exclusivo das necessidades de uma ou outra dimensão do ser humano? Entender que a dimensão psicomotora está associada a um desenvolvimento só psíquico e relacional ou só motor e funcional, demonstra dificuldade em conceber de forma simultânea a ideia do uno e do múltiplo. Destarte, o pensamento simplificador faz com que quaisquer abordagens teóricas ou práticas ingressem nos trilhos do reducionismo e da mutilação (Morin, 1999/2003, 1990/2005, 2005/2006).

369

Diante do exposto, o princípio da simplificação que se fundamenta na redução, fragmentação e hiperespecialização acaba por fomentar práticas psicomotoras preestabelecidas, delimitadas por apenas algumas áreas do conhecimento que, independentemente de terem o seu valor, não satisfazem as necessidades globais do ser humano e as características específicas e particulares de cada pessoa.

2.2 Pensamento complexo e psicomotricidade

O paradigma da complexidade integra o pensamento de que o ser humano é uma unidade complexa, um ser uniplural que é, ao mesmo tempo, psicossociocultural e biofísico, com partes que se articulam entre si, que se relacionam com o todo, e um todo que se integra com as partes (Morin, 1977/1987, 1999/2003, 1990/2005, 2005/2006). O que significa que há, como refere Morin (1990/2005), uma organização *acêntrica* por existirem interações espontâneas das partes, - que em psicomotricidade é a atividade *mental*, *motora* e *relacional*; *policêntrica* por existirem diferentes centros de controle, - que em psicomotricidade é o aparelho *psíquico* e *neurológico*; e *cêntrica* por existir, ao mesmo tempo, um centro de decisão que é o *cérebro* humano.

Com base nesse pensamento, o psicomotricista entende que tem de favorecer interações entre a relação corporal e a função corporal, entre o psíquico e o motor através do corpo imaginário e do corpo real (Sami-Ali, 2010), para reabilitar e promover o desempenho psicomotor que é sempre neuro-cognitivo-motor-tônico-emocional. Estes profissionais entendem que tem de existir unidade entre o corpo que sente e o corpo que expressa emoções, entre o corpo que faz e o corpo que pensa (Fernandes et al., 2018), ou seja, que é necessário distinguir (sem separar) e unir. Por isso, a psicomotricidade deve ser aplicada através de vivências corporais que solicitam a um só tempo o tônico-emocional, a sensibilidade somato-visceral, a imagem do corpo, as praxias, a função motora e o imaginário. Como refere Fernandes (2015a) “a psicomotricidade pode utilizar diferentes mediações, perspectivando tanto a aquisição de comportamentos motores em fundo tônico-emocional e relacional, como o desenvolvimento das capacidades relacionais, simbólicas e emocionais em fundo de vivências motoras” (p. 21).

A práxis psicomotora não deve estar associada a estruturas teóricas e metodológicas rígidas e preestabelecidas, mas associada, por um lado, a um saber-teórico diversificado sem divisões e, por outro lado, associada a diferentes práticas plurais, porque as características e necessidades globais do ser humano e particulares da pessoa assim o exigem. Ou seja, incorpora-se o pensamento dialógico e translógico do paradigma da complexidade que “permite distinguir sem disjungir, de associar sem identificar ou reduzir” (Morin, 2005/2006, p. 15), para desenvolver a estrutura psicomotora e ajudar a pessoa a adaptar-se e a atuar de forma integrada e harmonizada com o envolvimento. Concretamente, a psicomotricidade é - *una* - fundamentada em conhecimentos transdisciplinares, por isso, também - *plural* -, e existem tantas práticas como pessoas a quem se aplica a práxis psicomotora. Como refere Valentin-Lefranc (2011), a psicomotricidade é uma meta disciplina que envolve a complexidade do homem e, por isso, deve existir uma abordagem holística, mas particular para cada pessoa/paciente.

É importante explicitar que na práxis psicomotora utiliza-se o corpo e o movimento em relação, para cuidar e desenvolver a estrutura psico-motora-corporal a um só tempo (*psicomotoracorporal*). O corpo sozinho é uma identidade abstrata, não é nada sem o corpo do outro, necessita do corpo do outro para se reconhecer e se construir (Ajuriaguerra, 1980/2010). Assim, a psicomotricidade para além de integrar a compreensão e significado do *corpo em relação* (Ajuriaguerra, 1962), é aplicada através da *motricidade em relação* (Jolivet, 1972) ou por intermédio de uma *motricidade lúdica em relação* (Joly, 2010). O principal mediador utilizado pelo psicomotricista é o corpo-movimento-relação, que permite a procura de serendipidade, ou seja, de indícios que surgem inesperadamente na relação e se transformam em evidências que permitem, através da aplicação de técnicas psicomotoras apropriadas, maximizar e potenciar o funcionamento gnósico, práxico, cognitivo, tônico e emocional.

O psicomotricista através da relação corporal que estabelece com a pessoa cria um enquadramento interdependente, interativo e retroativo entre as partes e o todo, o todo e as partes, pois como refere Fonseca (2013) o organismo humano (*o todo*) na sua essência ontológica e sistêmica é composto de corpo (*parte*), de onde emana a motricidade e, também, de cérebro (*parte*), de onde emerge o psiquismo. Por conseguinte, a complexidade e a relação com o outro são apanágio do pensamento psicomotor, porque todas as dimensões/partes (biológicas, psicológicas e sociais) que caracterizam o homem como unidade total são inseparáveis e, para além disso, “a unidade não é o indivíduo, a unidade é o contexto ambiente-indivíduo” (Winnicott, 2000/1958, p. 166), o que traduz um funcionamento dialógico e hologramático num contexto relacional. Também o produto da estrutura psicomotora que condiciona a forma do homem agir consigo próprio e de relacionar-se com os outros, vai permitir que esses efeitos e resultados influenciem o processo, como se existisse uma auto-organização e auto-produção do desempenho psicomotor (funcionamento recursivo).

De forma sucinta pode-se referir que, em psicomotricidade, a complexidade sobrepõe-se ao pensamento simplificador, pois envolve um conhecimento que permite uma prática funcional-relacional-reeducativa-terapêutica, pensando na objetividade e subjetividade do funcionamento do ser humano, e de forma particular nas características de cada pessoa.

371

2.3 A atualidade da psicomotricidade face ao pensamento complexo

Julian de Ajuriaguerra, responsável pelo desenvolvimento da psicomotricidade como práxis terapêutica e pelo início da escola francesa de formação de psicomotricistas, refere que a psicomotricidade tem de se operacionalizar através de uma relação de mediação corporal (Ajuriaguerra, 1962/2009), com o objetivo de minimizar ou melhorar os transtornos psicomotores que oscilam entre a neurologia e a psiquiatria, entre o vivido mais ou menos desejado e o vivido mais ou menos sofrido, entre a personalidade total mais ou menos presente e as realizações motoras mais ou menos eficazes (Ajuriaguerra & Soubiran, 1959/2009). Inclusive é com base nesta dimensão una e múltipla, que atualmente se estrutura e se desenvolve o *Saber-Teórico transdisciplinar*, o *Saber-Fazer* a práxis psicomotora e o *Saber-Ser* psicomotricista (Gatecel & Giromini, 2019).

A psicomotricidade envolve um paradigma terapêutico, um objeto epistêmico constituído por diferentes saberes teóricos e práticas que são aplicadas de acordo com a idade da pessoa, as suas necessidades e a perturbação ou patologia que apresentam (Boutinaud & Joly, 2017). A práxis psicomotora operacionaliza-se num determinado tempo e espaço onde existem solicitações sensório-motoras, relacionais e tônico-emocionais que fazem do organismo um espaço habitado que se denomina corpo (Bullinger, 2011). O espaço e o tempo, na sessão de psicomotricidade, são

organizadores do corpo porque servem de referência às sensações, percepções, movimentos e gestos (Galliano et al., 2015). É neste contexto que acontecem as vivências motoras, relacionais e simbólicas que permitem a (re)construção da identidade psicocorporal em qualquer fase da vida de uma pessoa, permitindo que esta habite o seu corpo, que seja capaz de integrar as sensações, as representações e que aceite a sua funcionalidade e imagem de si, de forma a estabelecer relações equilibradas entre o mundo interior e o mundo exterior.

O psicomotricista deve estar ciente que intervém com um corpo que se move e que comunica, um corpo que expressa emoções e afetos, que age e reage, que é funcional e relacional, que é real e imaginário. Por isso, em psicomotricidade é necessário solicitar tanto o corpo real como o corpo imaginário, o que exprime a originalidade de ser uma dupla negação: - nem apenas função nem apenas relação (Calza et al., 2007). Esta dupla negação, em que existe pluralidade no seio da unidade, traduz a complexidade do fenômeno psicomotor. A título de exemplo, o psicomotricista pode estabelecer como objetivo melhorar o equilíbrio, mas simultaneamente reassegurar a pessoa face à angústia da queda (Fernandes, 2015b); melhorar a percepção do corpo, mas também a consciência de si; facilitar o desenvolvimento tônico-sensório-motor, mas também a sensação de ser e existir. Não se trata de solicitar nem apenas uma parte, nem apenas outra, nem de estabelecer uma relação de linearidade entre as partes, mas implementar uma perspectiva de funcionamento complexo, ou seja, solicitar o todo pela interação das partes para cuidar e desenvolver o todo e as partes simultaneamente.

Esta forma de entender a psicomotricidade é expressa por Ciccone e colaboradores (2007), quando referem que só e apenas o psíquico não deve ser apanágio da psicomotricidade, pois a existência de uma relação do corpo com o psiquismo não quer dizer que se considerem todas as manifestações corporais como expressão de um acontecimento intrapsíquico. Também não se deve considerar que a psicomotricidade se centra só e apenas no desenvolvimento e desempenho neuromotor, na procura da eficiência do movimento e respectivo processamento da informação pelo treino da função (Joly, 2010, 2011). A psicomotricidade não é nem uma pseudo-psicanálise (Ciccone et al., 2007), nem uma ortopedagogia do desenvolvimento (Joly, 2011) ou ortopedia do corpo (Calza et al., 2007). Então, como pode ser apresentado o objeto teórico da psicomotricidade? Salientando que a psicomotricidade envolve um conjunto de saberes que explicam a forma como o corpo real expressa o funcionamento dos mecanismos neuromotores associados ao esquema corporal, e como o corpo imaginário expressa a imagem corporal de cada pessoa. Saberes que se operacionalizam através de uma práxis que, com base em processos relacionais, solicita essas dimensões corporais em simultâneo. Por consequência, estas interações e retroações permitem abranger a totalidade e a complexidade do ser humano. Para que isso aconteça, o psicomotricista não deve perspectivar uma práxis preestabelecida com estrutura metodológica rígida, baseada em partes do conhecimento e operacionalizada através de “*guidelines*”, mas sim uma práxis



fundamentada na interação complexa e transdisciplinar do conhecimento psicomotor, através de “*mindlines*” que vão ao encontro das necessidades globais do ser humano e específicas de cada pessoa (Fernandes, 2012; Fernandes et al., 2020).

A psicomotricidade alicerça-se na interconexão e integração gnósica, prática, tônica, corporal, afetiva e emocional, isto é, nas associações entre o funcionamento perceptivo-motor que expressa os movimentos corporais e as expressões tônico-emocionais-simbólicas do movimento. Deste modo, envolve o corpo em todas as suas facetas: corpo real, corpo imaginário, corpo anatômico, corpo funcional, corpo representado ou corpo fantasmático (Potel, 2019). Consequentemente, a práxis psicomotora deve sempre solicitar a função e a relação, as partes e o todo a um só tempo, para alcançar os fins a que se propõe, ou seja, (re)construir a identidade corporal e psíquica (psicomotora) do ser humano.

Pode-se referir que o paradigma da complexidade de Morin, que se sustenta no princípio de intercalar e associar o conhecimento pluridimensional opondo-se à mutilação do próprio conhecimento (Morin, 1977/1987, 1999/2003, 1990/2005, 2005/2006, 2011/2016), permite clarificar a necessidade de se aceitar todos os saberes que constituem e fundamentam a psicomotricidade. Neste sentido, Joly (2016) refere que a psicomotricidade envolve um nó de conhecimentos fundamentais que interagem e apresentam covariação, independentemente de apresentarem movimentos de divergência e convergência: o psicoafetivo e o neuromotor, o corpo imaginário e o corpo real, o relacional e o funcional, o social e o pessoal são divergentes, pois têm estruturas e funcionamentos próprios, mas também convergem porque estas estruturas funcionam em associação e constroem a estrutura psicomotora do ser humano.

É necessário continuar a aceitar um paradigma de distinção-conjunção, que permite distinguir sem disjungir, de associar sem identificar ou reduzir e, especialmente, rejeitar qualquer paradigma que favoreça apenas a disjunção, redução e unidimensionalização do conhecimento (Morin, 1977/1987). No entanto, este pensamento não é apresentado como um meio de oposição, resistência ou anulação das práxis ou teorias psicomotoras existentes, mas sim um desafio que promova a sua efetividade no cuidar do ser humano, pois Morin (2005/2006) também refere que: “o pensamento complexo não resolve por si só os problemas, mas se constitui numa ajuda à estratégia que pode resolvê-los” (p. 83).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da ideia de que a complexidade é, antes do mais, “o esforço para conceber um incontornável desafio que o real lança à nossa mente” (Morin, 1990/2005, p.176), considera-se que, em psicomotricidade, existe:

- 
- a. o esforço - que é necessário para sair de qualquer pensamento simplificador e redutor e, assim, entrar no pensamento plural;
 - b. para conceber um incontornável desafio - de não integrar a psicomotricidade e respectivas intervenções em comunidades epistêmicas restritas;
 - c. que o real - a estrutura complexa do homem, constituído por diferentes dimensões que interagem entre si e formam o *Ser psicomotor*;
 - d. lança à nossa mente - que a psicomotricidade deve atender a esta complexidade e não colocar o foco ou na função e cognição, ou no afetivo e social, ou na relação e emoção de forma a criar qualquer hiperespecialização que vá ao encontro de apenas uma parte das diversas dimensões que caracterizam o ser humano.

Assim, através do princípio *dialógico* que manifesta a importância da união entre corpo e mente, entre motor e psíquico, entre função e relação, veiculado ao princípio *recursivo* que evidencia o efeito da expressão psicomotora ser produto, produtor e causa do próprio desenvolvimento e, ainda, associado ao princípio *hologramático* que anuncia a necessidade de se relacionar o conhecimento da psicomotricidade na sua totalidade, com o desempenho funcional (neurociências) e tônico-emocional (psicanálise), destes entre si e com o saber psicomotor no seu conjunto, pode-se dizer que: - a incorporação do pensamento complexo no campo da psicomotricidade anula a simples justaposição de conhecimentos e constrói uma articulação entre vários saberes, para, através da práxis, ir ao encontro da história e subjetividade de cada pessoa e não apenas a uma parte das suas necessidades ou características.

374

Enfim, a psicomotricidade é complexa, - *uniplurale* na sua estrutura teórica e *múltipla* na sua organização prática - e está a serviço da complexidade do ser humano para cuidar dos transtornos psicomotores, da estrutura psicocorporal e do desempenho psicomotor de cada pessoa.

4 REFERÊNCIAS

- Ajuriaguerra, J., Soubiran, G. (2009). Indications et techniques en rééducation psychomotrice en psychiatrie infantile. In F. Joly & G. Labes (Eds.), *Julian de Ajuriaguerra et la naissance de la psychomotricité*. (Vol. 1, pp. 55-116). Du Papyrus. (Texto original publicado em 1959).
- Ajuriaguerra, J. (2009). Le corps comme relation. In F. Joly & G. Labes (Eds.), *Julian de Ajuriaguerra et la naissance de la psychomotricité* (Vol. 1, pp. 163-183). Du Papyrus. (Texto original publicado em 1962).
- Ajuriaguerra J. (2010). Ontogenèse des postures, Moi et l'autre. In F. Joly & G. Labes (Eds.), *Julian de Ajuriaguerra et la naissance de la psychomotricité* (Vol. 3, pp. 121-132). Du Papyrus. (Texto original publicado em 1980).



Arruda, C., Lopes, S., Koerich, M., Winck, D., Meirelles, B., Mello, A. (2015). Health care networks under the light of the complexity theory. *Escola Anna Nery*, 19(1), 169-173. <http://dx.doi.org/10.5935/1414-8145.20150023>

Bedin, D., Scarparo, H. (2011). Integralidade e saúde mental no SUS à luz da teoria da complexidade de Edgar Morin. *Psicologia: teoria e prática*, 13(2), 195-208. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872011000200015&lng=pt&tlnq=pt

Bénavides, T. (2015). Modalités de prise en charge. In J. A. Albaret, F. Giromini, & P. Scialiom (Orgs.), *Manuel d'enseignement de psychomotricité: méthodes et techniques* (Tome 2, pp. 9-14). De Boeck Supérieur.

Boutinaud, J., Joly, F. (2017). *Thérapies psychomotrices: 10 cas cliniques commentés*. Éditions in Press.

Bullinger, A. (2011). *Le développement sensori-moteur de l'enfant et ses avatars* (2^e éd.). Érès.

Calza, A., Contant, M., Moyano, O. (2007). Eléments d'histoire et d'épistémologie. In A. Calza & M. Contant (Orgs.), *Psychomotricité* (3^a ed., pp. 1-51). Masson.

Ciccone, A., Guillaumin, J., Sage, B., Rodriguez, M. (2007). Le nourrisson: La dialectique psychosoma. In A. Calza & M. Contant (Eds.), *Psychomotricité* (3^e éd., pp. 52-104). Elsevier Masson.

Cotsifis, V. (2003). Subjetividade e sujeito na psicanálise e na teoria da complexidade de Edgar Morin: Uma articulação possível? *Cadernos de Pós-graduação*, 2, 1-12. <https://periodicos.uninove.br/cadernosdepos/article/view/1743/1351>

Damásio, A. (2004). *Ao encontro de Espinosa: As emoções sociais e a neurologia do sentir* (6^a ed.). Europa-América.

Damásio, A. (2010). *O Livro da Consciência: A construção do cérebro consciente*. Temas e Debates.

Fauché, S. (1994). Les paradigmes de la psychomotricité]. *Revue Française de Pédagogie*, 107, 97-107. https://www.persee.fr/doc/rfp_0556-7807_1994_num_107_1_1266

Fernandes, J. (2012). Abordagem emergente em psicomotricidade. In J. Fernandes & P. Gutierrez Filho (Orgs.), *Psicomotricidade: Abordagens emergentes* (pp. 1-12). Manole.

Fernandes, J. (2015a). Das abordagens emergentes em psicomotricidade às atualidades da prática psicomotora. In J. Fernandes & P. Gutierrez Filho (Orgs.), *Atualidades da prática psicomotora* (pp. 19-28). Wak.

Fernandes, J. (2015b). O equilíbrio versátil na perspectiva psicomotora. In J. Fernandes & P. Gutierrez Filho (Orgs.), *Atualidades da prática psicomotora* (pp. 91-103). Wak.

Fernandes, J., Gutierrez Filho, P., Rezende, A. (2018). Psicomotricidade, jogo e corpo-em-relação: Contribuições para a intervenção. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 26(3), 702-709. <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoEN1232>

Fernandes, J., Marmeira, J., Gutierrez Filho, P. (2020). Prática de mediação corporal com gestantes: Orientações e fundamentos. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 28(2), 682-692. <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoARF1998>



Fonseca, V. (2013). A organização práxica e a dispraxia na criança. Âncora.

Galliano, A.-C., Potel, C., Pavot, C. (2015). L'espace et le temps. In P. Scialom, F. Giromini, J. Albaret, *Manuel d'enseignement de psychomotricité: Concepts fondamentaux* (Tome 1, pp. 247-285). De Boeck Supérieur.

Gatecel, A., Giromini, F. (2019). La formations des psychomotriciens dans un cadre universitaire. In C. Potel (Org.), *Être psychomotricien: Un métier du présent, un métier d'avenir* (2^a ed., pp. 435-444). Érès.

Giromini, F., Yernaux, J-P. (2013). La psychomotricité de demain au coeur de l'Europe. *Therapie Psychomotrice et Recherches*, 174, 12-23. https://www.ascodocpsy.org/santepsy/index.php?lvl=notice_display&id=159849

Grabot, D. (2019). Deux cents ans d'histoire. In C. Potel (Ed.), *Être psychomotricien: Un métier du présent, un métier d'avenir* (nouvelle édition augmentée, pp. 25-48). Érès.

Ichikawa, C. Santos, S. Bouso, R., Sampaio, P. (2018). O manejo familiar da criança com condições crônicas sob a ótica da teoria da complexidade de Edgar Morin. *Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro*, 8, 1276. <http://seer.ufsj.edu.br/index.php/recom/article/view/1276/1878>

Joly, F. (2010). Psychomotricité: Une motricité ludique en relation. In C. Potel (Org.), *Psychomotricité: Entre théorie et pratique* (3^a ed., pp. 23-41). Éditions in Press.

Joly, F. (2011). Le développement psychomoteur: Un paradigme pour la psychopathologie du XXI siècle. *Contraste*, 34-35(1), 213-235. <https://doi.org/10.3917/cont.034.0213>

Joly, F. (2016). Entre neurosciences, psychopathologie du développement et psychanalyse: Le carrefour psychomoteur. In N. Girardier (Ed.), *La psychomotricité entre psychanalyse et neurosciences* (pp. 39-78). Éditions in Press.

Kelly, S. (2018). Transpersonal psychology and the paradigm of complexity. *Journal of Conscious Evolution*, 1(1), 8. <https://digitalcommons.ciis.edu/cejournal/vol1/iss1/8>

Moreira, W., Simões de Campos, M., Simões, R. (2019). Motricidade, corporeidade e complexidade: Diálogos a partir do hemisfério sul. *Motricidades*, 3(3), 167-176. <http://dx.doi.org/10.29181/2594-6463.2019.v3.n3.p167-176>

Morin, E. (1987) *O Método 1: A natureza da natureza* (M. Bragança, Trad., 2^a ed.). Europa-América. (Texto original publicado em 1977).

Morin, E. (2000). *Os sete saberes necessários para a educação do futuro* (C. Silva e J. Sawaya, Trad., 2^a ed., pp. 47-59). UNESCO/Cortez. (Texto original publicado em 1999).

Morin, E. (2003). *A cabeça bem-feita: Repensar a reforma, reformar o pensamento* (E. Jacobina, Trad., 8^a ed.). Bertrand Brasil. (Texto original publicado em 1999).

Morin, E. (2005). *Ciência com consciência* (M. Alexandre e M. Dória, Trad., 8^a ed.). Bertrand Brasil. (Texto original publicado em 1990)

Morin, E. (2006). *Introdução ao Pensamento Complexo* (E. Lisboa, Trad., 1^a ed.). Meridional/Sulina. (Texto original publicado em 2005).



Morin, E. (2016). *A via: para o futuro da humanidade* (J. Paz, Trad.). Edições Piaget. (Texto original publicado em 2011).

Potel, C. (2019). *Être psychomotricien: Un métier du présent, un métier d'avenir.* (Nouvelle édition augmentée). Érès.

Probst, M., Mäiano, C. (2018). La psychomotricité est-elle une discipline scientifique? Quelques pistes de réflexion. *Approche Neuropsychologique des Apprentissages Chez L'enfant*, 30(153), 157-165. <https://lirias.kuleuven.be/retrieve/511769>

Robert-Ouvray, S. (2007). *Intégration motrice et développement psychique: Une théorie de la psychomotricité*. Desclée De Brouwer.

Sami-Ali, M. (2010). *Corps réel. Corps imaginaire* (4^e ed.). Dunod.

Thiebo, B. (2008). Unité psychomotrice: Des enjeux développementaux aux enjeux thérapeutiques. *Neuropsychiatrie de L'Enfant et de L'Adolescence*, 56, 148-151. <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0222961707001481>

Valentin Lefranc, A. (2011). Petit traité de réflexion sur la psychomotricité à l'usage des honnêtes gens. *Therapie Psychomotrice et Recherches*, 165, 132-139.

Vasconcelos, E. (2009). Epistemologia, diálogos e saberes: Estratégias para práticas interparadigmáticas em saúde mental. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental*, 1(1), 119-129. <http://stat.cbsm.incubadora.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/1006>